

Simpósio Temático: Leituras, diálogos e conflitos: as relações no espaço construído e imaginado entre Brasil, América e Europa

Arquitetura, modernidade e identidade nacional: aspectos para a construção de uma história comparada entre Brasil e México

Marianna Boghosian Al Assal¹

Resumo

Ao pesquisador que se propõe a debruçar-se sobre a América Latina, é necessário enfrentar as inúmeras aproximações e similitudes entre alguns dos processos vividos pelos diversos países que a compõem, bem como reconhecer suas especificidades. Particularmente notáveis nesse cenário são os processos de construção de identidades nacionais que começam a ganhar força a partir da segunda metade do século XIX, assumindo significativa centralidade nas primeiras décadas do século XX – quando a busca de raízes nacionais passa a ser gradualmente vista como etapa indispensável para se alcançar a modernidade. De vocação eminentemente ‘exibicionista’ por seu caráter de fruição coletiva, a arquitetura se relaciona com a invenção ou imaginação da identidade nacional em seu duplo e dialético sentido de criação de um passado legitimador relacionado particularmente à esfera da cultura, bem como de símbolos contemporâneos socialmente reconhecíveis e apropriáveis. A presente comunicação procura apontar aspectos das relações estabelecidas entre arquitetura e identidade nacional no Brasil e no México entre finais do século XIX e meados do século XX. Interessa destacar as permanências e oscilações de linguagens e discursos não como uma perspectiva progressiva e linear de construção de modernidades nacionais, mas como tal temática se coloca como espaço em torno do qual se dão disputas pela legitimação de símbolos no campo da arquitetura em ambos os países.

Palavras Chave

Identidade Nacional; História comparada; México e Brasil

Abstract

¹ Arquiteta e Urbanista (FAUUSP - 2005), possui mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP (2010). Atualmente é doutoranda em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo na mesma instituição, com bolsa FAPESP.

Any historical research intending to look into Latin America has to face, on one hand, the many historical proximities and similarities between some of the processes experienced by the various countries that comprise it; and, on the other, recognize their innumerable specificities. Particularly notable in this scenario are the processes of construction of national identities that gain progressive importance from the second half of the nineteenth century, assuming significant centrality in the first decades of the twentieth century - when the search for national roots is gradually seen as a necessary step to achieve modernity. With an eminently 'exhibitionist' vocation, for its character of collective fruition, architecture relates to the invention or imagination of national identity in a dual and dialectical way, in the creation of a legitimate past narrative particularly related to the sphere of culture, as well as contemporary, recognizable and appropriable symbols of social significance. This paper seeks to highlight aspects in the relations between architecture and national identity in Brazil and Mexico between the late nineteenth and early twentieth century. A special interest is dedicated to the comprehension of the continuities and variations in architectural languages and discourses adopted to represent the nation not in a progressive and linear perspective of building national modernity; but understanding how this issue arises in the disputes for symbols of legitimacy in the field of architecture in both countries.

Key words

National identity; Comparative history; Mexico and Brasil

Arquitetura, modernidade e identidade nacional: aspectos para a construção de uma história comparada entre Brasil e México

Na medida em que a história de cada país latino-americano corre paralelamente às demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes [...] não há, do meu ponto de vista, como escapar às comparações. Em vez de manter os olhos fixos na Europa, é mais eficaz, para o historiador, olhar o Brasil ao lado dos países de colonização espanhola. (PRADO, 2007, p.12)

Ao pesquisador que se propõe a debruçar-se sobre a América Latina, surge de início um impasse quase insolúvel: se por um lado são inúmeras as aproximações e similitudes entre alguns dos processos vividos pelos diversos países que a compõem, por outro são tantas as especificidades, que levam, em última análise, ao questionamento se a América Latina pode ser considerada uma unidade historiável. No campo específico da historiografia da arquitetura é possível identificar alguns autores, embora ainda sejam poucos, que advogam a favor de construções analíticas que se deslocam para o cenário Latino Americano², principalmente com o intuito de se afastar da perspectiva exaustivamente repetida de usar o cenário europeu como parâmetro único para comparações³.

Trata-se, portanto, de um esforço em procurar traçar as conexões estabelecidas entre os diversos países da América Latina com relação às novas propostas e discussões no campo arquitetura e, sobretudo, procurar localizar eventuais pontos, momentos ou agentes de troca nesse cenário assim como eventuais reverberações provenientes dessas trocas, atentando para o fato não da produção de grandes generalizações ou retratos totalizantes, mas, como advoga Bloch ao apontar que o método comparado muitas vezes não tem como objeto de interesse único as semelhanças (embora sejam essas fundamentais), mas também a percepção das diferenças, configuram esforços de

[...] faire choix, dans un ou plusieurs milieux sociaux différents, de deux ou plusieurs phénomènes qui paraissent, au premier coup d'oeil, présenter entre eux certaines analogies, décrire les courbes de leurs évolutions, constater les

² Destaca-se particularmente Marina Waisman, Silvia Arango, Adrian Gorelik, Jorge Francisco Liernur e Roberto Segre. Cabe apontar ainda os 'Seminarios de Arquitectura Latinoamericana - SAL' como espaço de discussão dessa perspectiva.

³ Nesse sentido Arango aponta que, em alternativa às sínteses globais, há uma "utilización creciente de otra estrategia, que es la de las historias comparadas; [...] libros de historia que abordan situaciones similares en distintos países y se cotejan en busca de lineamientos comunes; en ellos se supera la sucesión de casos sueltos, para indagar sus posibles conexiones y desembocar en un futuro en síntesis latinoamericanas que se sustenten en evidencias factuales pre-estudiadas." (2005).

ressemblances et les différences et, dans la mesure du possible, expliquer les unes et les autres. Done deux conditions sont nécessaire pour qu'il y ait, historiquement parlant, comparaison: une certaine similitude entre les faits observés [...] et une certaine dissemblance entre les milieux où ils se sont produits. (BLOCH, 1963, p.17)⁴

Particularmente notáveis nesse cenário são os processos de construção de identidades nacionais que começam a ganhar força a partir da segunda metade do século XIX, assumindo significativa centralidade nas primeiras décadas do século XX - aonde a busca de raízes nacionais passa a ser gradualmente vista como etapa indispensável para se alcançar a modernidade.

Embora sem um consenso sobre seu momento de surgimento, diversos são os autores⁵ que apontam a proeminência do nacionalismo em suas mais diversas expressões, especialmente nas esferas da política e da cultura, ao longo dos últimos 200 anos da história, principalmente na chamada civilização ocidental, mas com suas aparições também no Oriente. Sua manifestação em países e contextos os mais diversos impõe o seu caráter eminentemente universal na história, em contraste com sua característica intrínseca de constituir-se a partir de um discurso de particularidades e diferenciação. Verdery destaca a esse respeito que o nacionalismo sempre se configura como um “discurso homogeneizador, diferenciador ou classificatório” ao dirigir o seu apelo “a pessoas que supostamente têm coisas em comum, em contraste com pessoas que se acredita não terem ligação mútua” (VERDERY, 2000, p.240). A autora sinaliza ainda que “nos nacionalismos modernos, entre as coisas mais importantes a ter em comum figuram certas formas de cultura e tradição, além de uma história específica” (VERDERY, 2000, p.240). A invenção, ou imaginação, de narrativas de origem, símbolos reconhecíveis e significados apropriáveis, configuram assim parte do arcabouço que faz do nacionalismo não uma ideologia fixa ou doutrina coerente, mas um cenário instável, ambivalente e de limites incertos (BHABHA, 2006). Ou ainda, como destaca Verdery deve-se

[...] tratar a nação como um símbolo e qualquer nacionalismo como tendo sentidos múltiplos oferecidos como alternativas e disputados por diferentes grupos que manobram para se apoderar da definição do símbolo e de seus

⁴ Enquanto proposta metodológica coesa o texto de Bloch (1963) dá origem a conceituação de história comparada, destacando tanto a necessidade de salientar as semelhanças bem como as diferenças entre os objetos de estudo, quanto que tal procedimento deve possibilitar a formulação de novas questões para a abordagem histórica, não evidentes quando olhadas do ponto de vista exclusivo do recorte nacional. Embora tal metodologia tenha sofrido diversas críticas ao longo do tempo, sobretudo relacionadas ao caráter hierárquico que a comparação pode assumir, diversos são os autores que defendem sua pertinência. Cf. especialmente PRADO, 2005; ATSMÁ; BURGUIERE, 1990.

⁵ Cf. particularmente ANDERSON, 2008; BHABHA, 2006; HOBBSAWM, 1998; BALAKRISHNAN, 2000.

efeitos legitimadores. Isso significa que não devemos tratar o nacionalismo em si como um agente social e perguntar se ele é bom ou ruim, liberal ou radical, ou conducente a uma política democrática. Antes devemos indagar: qual é o contexto global, societário e institucional em que os diferentes grupos competem pelo controle desse símbolo e de seus sentidos? (VERDERY, 2000, p.241)

De vocação eminentemente 'exibicionista' por seu caráter de fruição coletiva, a arquitetura se relaciona com a invenção ou imaginação da identidade nacional em seu duplo e dialético sentido de criação de um passado legitimador relacionado particularmente à esfera da cultura, bem como de símbolos contemporâneos socialmente reconhecíveis e apropriáveis. Por um lado coloca-se a dimensão da arquitetura enquanto herança do passado em sua dimensão documento-monumento (LE GOFF, 2003), e por outro seu caráter de construção simbólica do presente onde seu aspecto visual se referencia e propõe novas construções para o imaginário coletivo⁶. Dessa maneira, tanto se levarmos em conta o caráter intrínseco de escolha - portanto instrumento de poder de construção de memórias sociais - e não de mero vestígio do conjunto daquilo que existiu no passado manifesto na dimensão documento-monumento, quanto se ressaltarmos o caráter de reprodução de ideologias que reverbera do aspecto de construção simbólica na arquitetura do presente, o cenário das disputas se recoloca inequivocamente na relação da arquitetura com a constituição de identidades nacionais.

Ganha destaque assim a centralidade que assume progressivamente, ao longo do século XIX na Europa, tanto o conceito de monumento histórico levando à institucionalização gradual de conjuntos intitulados como Patrimônio Nacional (CHOAY, 2001) em diversos países, quanto a estética romântica e seu fator nacionalista que ganha cada vez mais força ao caminhar para a segunda metade do século. Especialmente, se levarmos em conta que é ao longo do século XIX que o mapa da Europa é redesenhado em grande parte pelo "princípio da nacionalidade", e pelas novas conjugações que a equação Estado - Nação - Povo - Território passam a assumir (HOBBSAWM, 1996; 1998). Ao longo do século XIX - com variações temporais em grande parte impostas pelas diversidades de processos políticos e sociais de diferentes nações e territórios - são elaboradas as grandes narrativas das histórias nacionais europeias que procuram recriar mitologicamente recortes do passado como legitimadores de um tempo presente. Essa perspectiva certamente

⁶ Embora tratando de casos particulares esse aspecto se encontra particularmente evidente em SUST, 1975.

confere novas questões para o que Curtis denomina como o “heterogêneo conjunto de prédios” que entre finais do século XIX e início do século XX resultam de “importantes alusões às tradições nacionais” (2008, p.132)⁷ - quer seja do ponto de vista climático ou da vegetação ou de referências culturais diversas, e até mesmo clássicas, identificadas como portadoras de caráter nacional -, que em geral são explicadas como “uma reação ao desarraigamento e homogeneidade trazidos pela industrialização e à imposição de formas cosmopolitas derivadas da Beaux-Arts clássicas” (CURTIS, 2008, p.131)⁸.

Assim, embora sem abandonar a perspectiva do nacionalismo como um sistema cultural, nos é particularmente interessante a característica eminentemente política que Hobsbawm (1998)⁹ lhe atribui concentrando-se especialmente nas ligações que estabelece mutuamente com nações e Estados. Nessa perspectiva - e fazendo uso da divisão proposta por Hroch (*apud* HOBBSAWM, 1998) - o autor aponta seu significativo interesse nas manifestações nacionalistas localizadas entre 1870 e 1950: entre os anos de 1870 e 1914, quando o nacionalismo assume dimensão de “programa político”, e atrela-se definitivamente à ideia de nação-Estado¹⁰, tornando legítimo que um “corpo de pessoas que se considera uma nação” demandasse o “direito a um Estado independente soberano separado para seu território” (HOBBSAWM, 1998, p.126); e entre os anos de 1914 e 1950, “quando os programas nacionalistas adquirem sustentação de massa - e não antes - ou, ao menos, alguma das sustentações de massa que os nacionalistas sempre dizem representar” (HOBBSAWM, 1998, p.121), quadro esse que se altera depois do final da Segunda Guerra Mundial com as diversas questões que o novo cenário político traz. Sobre o primeiro período o autor indica que constitui o momento no qual o nacionalismo torna-

⁷ Entre os exemplos tratados pelo autor destacam-se além dos casos mais conhecidos das abordagens ‘neo-góticas’ francesas e inglesas de Viollet-le-Duc, Ruskin e Pugin, também as curiosas experiências catalãs e alguns casos dinamarqueses, finlandeses e até americanos, entre outros. Destaca-se nesse conjunto a enorme variedade de linguagens e abordagens propostas.

⁸ Embora destacando a influência dos movimentos políticos no desenvolvimento dessas experiências e destacando, inclusive, que muitas vezes evidenciam as incongruências entre tradições culturais particulares e o território nacional, o autor insiste na explicação dessas manifestações como respostas às questões trazidas pela Revolução Industrial sugerindo que “não é mera casualidade que tal obsessão com a terra tenha emergido justamente no período em que a industrialização exercia efeitos devastadores sobre as tradições rurais.” (CURTIS, 2008, p.132).

⁹ Embora ponderando que “não é possível reduzir [...] a nacionalidade a uma dimensão única, seja política, cultural, ou qualquer outra” (HOBBSAWM, 1998, p.17), fica evidente pelos seus recortes, abordagens e conceituações o destaque que o autor confere à dimensão política.

¹⁰ Verdery destaca que “nos nacionalismos modernos, as nações [...] têm apresentado pelo menos dois grandes sentidos. [...] a) uma relação conhecida como cidadania, na qual a nação consiste na soberania coletiva, baseada na participação política comum, e b) uma relação conhecida como etnia, na qual a nação abrange todos os que são supostamente dotados de língua e história comuns, ou de uma identidade cultural ainda mais ampla.” (VERDERY, 2000, p.240).

se efetivamente um fenômeno global, tornando-se “uma questão importante da política de quase todos os Estados europeus” e se multiplicando em regiões as mais diversas inclusive do mundo oriental (HOBSBAWM, 1998, p.128)¹¹.

Embora sem incorrer em explicações que se baseiam na mera transposição de conceitos recebidos passivamente - ideias e modelos ‘fora de lugar’ - em uma suposta relação de centro-periferia¹², cabe destacar que é nesse mesmo cenário do século XIX que o nacionalismo ganha corpo na América Latina, com todas as contradições e impasses específicos que o forjar simbolicamente nações provenientes de relações coloniais implica. Entre essas particularidades Schwarcz aponta que na América Latina, a partir desse momento, o nacional passa a revestir-se gradualmente de um caráter de progresso incontestável: “de atrasados passaríamos a adiantados, de desvio a paradigma, de inferiores a superiores” à medida que se subtraísse aquilo que de importado e de cópia existia em nossas culturas (SCHWARCZ, R., 1987, p.35). Assim, é também no final do século XIX, de forma análoga à apontada por Hobsbawm, que essa tarefa de forjar simbolicamente as nações latino-americanas passa a configurar uma questão de Estado (BETHELL, 2008). Tratava-se de etapa no longo processo definido por Pratt (1999) e Said (1999), entre outros autores, como descolonização, ou em outras palavras do remapeamento de imaginários e de constituição gradual da emancipação mental¹³. Assim, após a consolidação dos Estados Nacionais, iniciada com os processos de independência, mas que através de enfrentamentos armados e disputas políticas marcaria todo o século XIX, era

¹¹ O autor aponta ainda que “Não é surpreendente que o nacionalismo tenha conseguido espaço tão rapidamente nos anos que vão de 1870 a 1914. [...] Socialmente, três fatos deram um alcance crescente para o desenvolvimento de novas formas de invenção de comunidades - reais ou ‘imaginárias’ - como nacionalidades: a resistência de grupos tradicionais ameaçados pelo rápido progresso da modernidade, as novas classes e estratos, não tradicionais, que rapidamente cresciam nas sociedades urbanizadas [...] e as migrações sem precedentes que distribuíram uma diáspora múltipla de povos através do planeta, cada um estranho, tanto aos nativos quanto aos outros grupos migrantes e nenhum, ainda, com os hábitos e convenções da coexistência.” (HOBSBAWM, 1998, p.132-133).

¹² Procura-se aqui uma aproximação da compreensão da recepção de ideias estrangeiras pela perspectiva conceituada de transculturação. Ver a esse respeito RAMA, 2001.

¹³ Particularmente interessante para as questões aqui propostas é a imagem construída por Pratt do processo de descolonização em ondas ou etapas, sinalizando acerca dos processos de emancipação política que: “A independência não era um processo conhecido, mas algo que estava sendo improvisado mesmo enquanto escreviam. [...] Tanto na América do Norte quanto na do Sul, esta primeira onda de descolonização significou, na verdade, embarcar num futuro que se encontrava muito além da experiência das sociedades europeias. [...] Nesse sentido, no período de independência, a América espanhola era de fato um Novo Mundo em movimento, num curso de experimentação social para o qual a metrópole fornecia parcos precedentes. As elites encarregadas de construir novas hegemonias na América Latina foram desafiadas a imaginar muitas coisas que até então não existiam, incluindo a si mesmas enquanto indivíduos da América Latina republicana.” (PRATT, 1999, p.301).

necessário ainda construir a nação em bases políticas modernas - “individuos libremente asociados que comparten unos mitos comunes” (GUERRA, 1994, p.12)¹⁴.

“La construcción de la nación requería mitos compartidos por todos: una historia de la génesis de la nación, de sus héroes fundadores y de sus enemigos, del horrible del que ha logrado liberarse y del grandioso futuro que le cabe esperar... Pero la nación no era solo una comunidad enraizada en un pasado, era también una nueva manera de existir, la consecuencia de un vínculo social inédito entre los individuos-ciudadanos, producto de un nuevo pacto fundador expresado en la constitución. [...] Frente a una sociedad que es todavía mayoritariamente tradicional se hace necesario educar, es decir transmitir - mediante la escuela, los símbolos, el arte, las ceremonias e incluso el urbanismo - esas novedades culturales que eran la nación y el ciudadano.” (GUERRA, 1994, p.13)

Tratava-se ainda, não apenas da tessitura e consolidação de mitos de pertencimento compartilhados pela população, mas, igualmente, da obtenção de reconhecimento legal desses estados nascentes no ‘concerto internacional das nações’ (GUERRA, 1994, p.12). Nesse contexto, é possível dizer que o processo de afirmação de identidades nacionais se dá a partir de um permanente e muitas vezes contraditórios jogo de aproximações e negações com os parâmetros culturais europeus e progressivamente norte americanos, em busca da afirmação de nações modernas em suas particularidades.

No México e no Brasil esse cenário começa a ganhar concretude, sobretudo, com a subida ao poder de Porfírio Díaz em 1876 - dando início ao período denominado como Porfiriato -, e com a Proclamação da República em 1889¹⁵. Em ambos os casos - inspirados pelos ares do liberalismo, mas resultantes de contingências e pactos de poder locais - impunha-se a missão de forjar uma nação moderna. Do ponto de vista da construção das identidades nacionais impunha-se um grande desafio que embora comum em essência assume contornos muito particulares em uma e em outra nação: a realidade de um povo miscigenado¹⁶.

¹⁴ Sem ignorar as conceituações diversas que a ideia de nação historicamente recebeu adota-se aqui a diferenciação entre estado e nação com o intuito de sinalizar duas fases distintas nos processos descolonização ainda que muitas vezes sobrepostos, definidos por Clifford Geertz como “aquella en que se organizaron en Estados y aquella en que, organizados en Estados, se ven obligados a definir y estabilizar sus relaciones con otros Estados y con las sociedades irregulares de que nacieron”. (apud GONZÁLEZ, 2007, p.21).

¹⁵ Embora no caso brasileiro seja possível identificar as primeiras iniciativas para a construção de parâmetros de nacionalidade principalmente no período do segundo Império, é possível afirmar que tais estratégias assumem contornos diferenciados uma vez eliminada definitivamente a figura monárquica como foco de poder.

¹⁶ Ver a esse respeito SCHWARCZ, L.,1993; e BONFIL BATTALLA, 1987.

No México, é ainda no século XIX, durante o Porfiriato, que a historiografia da arquitetura identifica as primeiras reverberações nacionalistas na arquitetura, plasmadas na utilização de motivos da arquitetura pré-hispânica. Segundo Alva Martínez a presença de elementos pré-hispânicos na arquitetura durante o Porfiriato atesta, tanto o caráter eclético de experimentação de estilos diversos, quanto demonstra “un intento del régimen, preocupado desde un principio por legitimar primero y consolidar después la autoridad, procurando unificar al país en torno a una imagen de identidad nacional” (ALVA MARTÍNEZ, 2004, p.48)¹⁷. O autor aponta ainda que as mais significativas obras do Porfiriato que assumiram esse aspecto nacional foram monumentos erigidos na Cidade do México após a sua grande reforma realizada como parte das obras para a comemoração do Centenário da Independência em 1910; e os Pavilhões das Exposições Internacionais de Paris de 1867 e 1889. Tenorio Trillo (1996) destaca também os sentidos que a que a adoção de uma arquitetura de linguagem nacionalizada nesses termos assume enquanto produção de uma imagem simbólica do México de Porfirio Díaz na Exposição de Paris de 1889, em meio às disputas travadas pela elaboração da memória indígena junto aos impasses desses anos de construção de uma identidade *criolla*.



Figura 1 - Arco do Triunfo erigido na província de Yucatán em 1899 em homenagem à Porfirio Díaz. Fonte: VARGAS SALGUEIRO, 1998, p.476.

Figura 2 - Monumento à Cuauhtémoc, Paseo de la Reforma, Cidade do México. Tanto o monumento quanto a monumental avenida em que está situado foram erigidos como parte das reformas levadas à cabo na capital para a comemoração do Centenário da Independência. Fonte: VARGAS SALGUEIRO, 1998, p.472.

Já no século XX a historiografia da arquitetura aponta o surgimento em toda a América Latina, Caribe e Estados Unidos da chamada arquitetura neocolonial, onde a

¹⁷ Ver também a esse respeito VARGAS SALGUEIRO, 1998.

resposta pela busca de uma referência identitária para a elaboração de uma arquitetura nacional iria se deslocar do período pré-colonial para o período colonial (AMARAL, 1994). Diversos autores indicam que a linguagem neocolonial ganharia força logo após o final da Primeira Guerra, em parte como decorrência de um certo enfraquecimento da hegemonia da Europa como formadora de cultura, mas também ao longo dos centenários das independências dos diversos países latino-americanos comemorados no início do século XX.

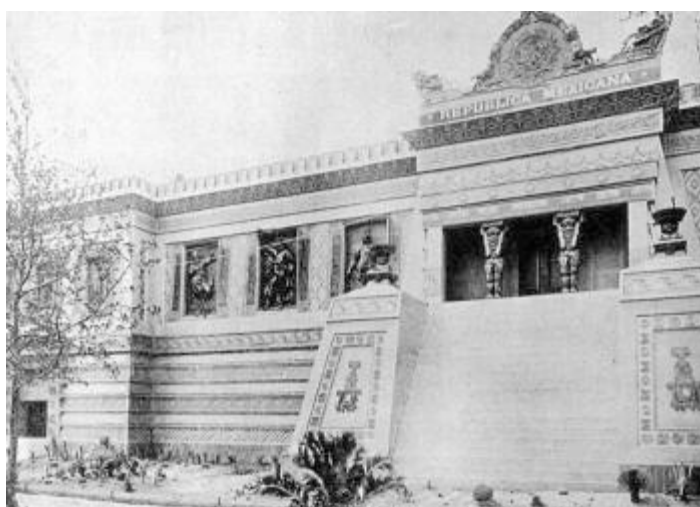
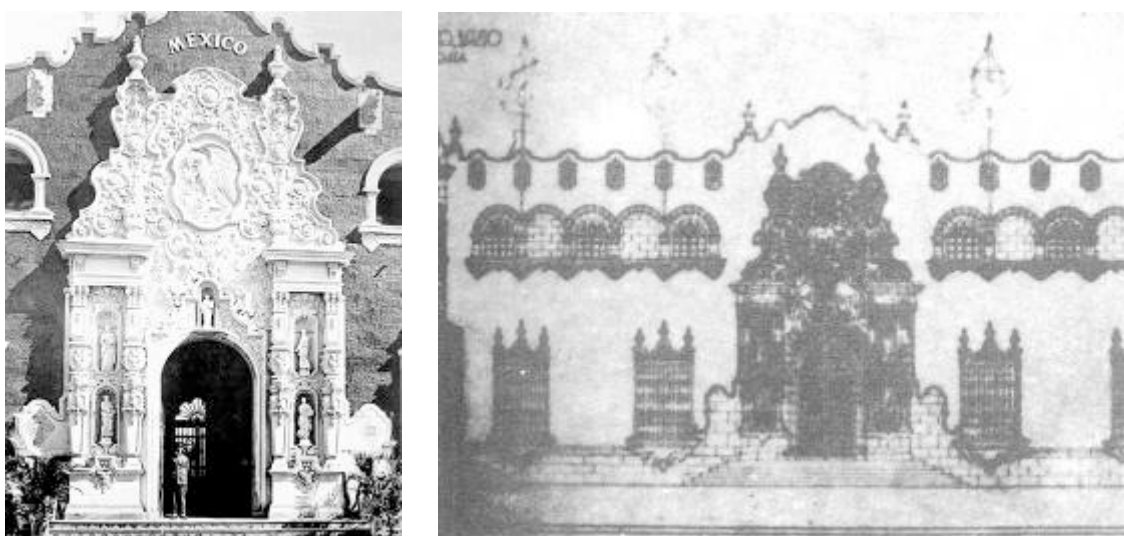


Figura 3 - Pavilhão do México na Exposição Universal de Paris de 1889. Fonte: VARGAS SALGUEIRO, 1998, p.451.

Provavelmente a linguagem arquitetônica mais estudada do ponto de vista de suas ligações com a conformação de identidades nacionais, a arquitetura neocolonial começa a despontar, ao menos no Brasil, como tema de interesse para pesquisas na segunda metade da década de 1980¹⁸, no bojo das revisões acerca da historiografia da arquitetura brasileira - especialmente em relação à arquitetura de finais do século XIX e início do século XX - que começava a tomar corpo naqueles anos. No entanto, tal recorte firma-se como temática específica apenas na década de 1990, a partir do seminário realizado em São Paulo e da publicação resultante organizada por Amaral que procurava reunir reflexões acerca da arquitetura neocolonial produzida em toda a

¹⁸ Destacam-se especialmente as teses de livre docência defendidas por Toledo e Lemos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo que de formas distintas chamavam atenção para a temática da arquitetura neocolonial: o primeiro apontando a importância desse estilo no desenvolvimento da carreira do arquiteto Victor Dubugras - principalmente a partir da construção da Ladeira da Memória (1919) e dos Monumentos da Serra do Mar (1922), encomendas de Washington Luís quando prefeito - (TOLEDO, 1985); o segundo destacando o uso e ampla difusão desse estilo na arquitetura residencial paulista, primeiro a partir do debate entre intelectuais, e, posteriormente, através da chamada "arquitetura sem arquitetos" (LEMOS, 1989).

América Latina, Caribe e Estados Unidos (AMARAL, 1994). Apontando um campo bastante fértil para a construção de leituras comparadas sobre a dinâmica desse fenômeno nos diversos países, o volume coloca definitivamente a arquitetura neocolonial como tema de interesse para as pesquisas historiográficas, construindo uma visão onde figura como uma “antecipação do moderno” (AMARAL, 1994, p.16). Destaca ainda sua importância junto a algumas das primeiras iniciativas de estudo e valorização do patrimônio arquitetônico colonial; e procura relacioná-la a um certo afastamento da Europa e aproximação dos Estados Unidos como modelo referencial



de cultura, descrevendo-a muitas vezes por um abandono dos estilos historicistas ecléticos, mas questionando uma eventual difusão como modismo importado dos Estados Unidos¹⁹. Formula-se, assim, nesse momento, uma visão sobre a arquitetura neocolonial, que se cristalizará ao longo do tempo, onde ela é apontada quase como uma transição necessária entre o ecletismo e o modernismo - ao trazer a temática da nacionalidade para as discussões -, já em plena superação na década de 1940²⁰.

Figura 4 - Detalhe central da fachada principal do pavilhão do México na Exposição Internacional do Centenário da Independência. Fonte: DE ANDA ALANÍS, s.d., p.15.

¹⁹ A esse respeito Amaral destaca que “En realidad, es muy difícil para nosotros determinar hasta qué punto el nacionalismo emergente es precursor de una novedad ecléctica que desea sacarnos del atascadero de los eclecticismos de fines del siglo, intentando encontrar en la arquitectura un estilo más cercano a nuestra identidad tan ansiosamente buscada; y hasta qué punto es más una moda importada de los Estados Unidos, inspirada, en este caso, en la arquitectura de los países de colonización hispánica”. (AMARAL, 1994, p.15)

²⁰ Nesse sentido Mello aponta que “A imagem do neocolonial como um movimento limitado e de transição entre uma arquitetura estrangeira e acadêmica e outra nacional e moderna, entre o ecletismo e o movimento moderno, aparece persistentemente na maioria dos estudos a ele dedicados, ainda que seu significado e suas implicações nem sempre tenham sido investigados. É justamente a partir dessa idéia de transição que o neocolonial parece adquirir a importância necessária para se transformar propriamente em um objeto de estudo e pesquisa, conferindo ao movimento um destaque positivo em meio à crítica do ecletismo de matriz europeia no início do século XX.” (MELLO, 2005, p.17).

Figura 5 - O mesmo detalhe representado em projeto do arquiteto Carlos Obregón Santacília. Fonte: DE ANDA ALANÍS, 1990, s.p.

Cabe destacar no entanto, que, desde meados da década de 1990, autores diversos têm contribuído para a ampliação dos debates acerca da arquitetura neocolonial brasileira destacando sua abrangência e permanência, embora muitas vezes ressaltando-a ainda como uma linguagem arquitetônica adotada de forma descompromissada, amplamente difundido nas cidades brasileiras, mas dificilmente ultrapassando a década de 1940²¹. Apenas mais recentemente alguns autores passaram a problematizar de forma mais efetiva esse modelo cristalizado de interpretação, mostrando, por um lado, maior complexidade nos embates entre neocoloniais e modernistas pela construção de hegemonias tanto em torno da legitimação de uma linguagem arquitetônica moderna e nacional, quanto pela possibilidade de construção simbólica do passado, ou do patrimônio (KESSEL, 2008; PINHEIRO, 2005); e por outro as relações entre esse estilo e o poder, ou a articulação de capital social ou político (MELLO, 2007; ATIQUÉ, 2007)²².

Nesse cenário é particularmente notável o uso da linguagem neocolonial na arquitetura escolar no Brasil e no México na década de 1920 (AL ASSAL, 2008), a partir de projetos governamentais implantados, no México, por José Vasconcelos entre 1921 e 1924, enquanto chefe da Secretaría de Educación Pública (órgão federal) (DE ANDA ALANÍS, 1990; s.d.), e no Brasil, por Fernando de Azevedo entre 1926 e 1930, enquanto chefe da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (órgão municipal) (AZEVEDO, 1934; VIDAL, 1994). Sem esquecer as inúmeras diferenças dos cenários nacionais - do Brasil frente aos impasses da década de 1920 que culminam com o final do período conhecido como Primeira República, e do México do Obregonato que consolida em bases institucionais estáveis a Revolução ocorrida em 1910 -; são notáveis as aproximações entre as duas propostas principalmente no que diz respeito ao uso da arquitetura neocolonial nas escolas e equipamentos como parte integrante (e não apenas complementar, a ser pensado posteriormente pela equipe de arquitetos responsáveis) do projeto, enquanto elemento capaz de forjar um determinado 'espírito de nacionalidade' a ser construído como peça chave para o 'desenvolvimento da

²¹ Cf. especialmente PINHEIRO, 1997; WOLFF, 2001; D'ALAMBERT, 2003. Inserimos ainda nessa categoria o trabalho mais recente de MASCARO, 2008, que, embora procurando destacar as conexões entre a arquitetura neocolonial brasileira e o modelo português, tem a sua tônica em demonstrar a difusão desse estilo no interior paulista até a década de 1950.

²² Enquanto Mello aborda a questão do ponto de vista da biografia pessoal de Ricardo Severo e de suas articulações para a obtenção de capital social, Atique resalta o papel do estilo missões para a construção da idéia de pan-americanismo e os interesses americanos sobre essa construção identitária.

nação'. Cabe ainda destacar que são nas escolas construídas por Vasconcelos que o muralismo mexicano de Rivera, Siqueros e Orozco, entre outros, ganha pela primeira vez sua face pública e de caráter social (DE ANDA ALANÍS, 1990; s.d.), que serviria como referência para artistas e arquitetos do Brasil e toda a América Latina²³.

São também notáveis nesse contexto outros dois eventos ocorridos no Rio de Janeiro nesse período que, além de configurarem cenários de trocas mais intensas entre o Brasil e outros países da América Latina, tiveram a arquitetura neocolonial em grande destaque em seus debates e propostas: a Exposição Internacional do Centenário da Independência, ocorrida em 1922 - onde os contatos entre Brasil e México foram particularmente intensos em função da vinda de José Vasconcelos como representante oficial de seu país (TENORIO TRILLO, 1994; CRESPO, 2003)²⁴ -; e o IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos em 1930²⁵, onde as questões referentes à arquitetura neocolonial e ao seu uso em edifícios escolares são amplamente discutidas.

²³ Fabris (1990) indica nesse sentido as aproximações e distanciamentos entre a arte muralista mexicana e caráter social da obra de Portinari.

²⁴ Segundo Crespo, tratava-se de uma decisão do governo Mexicano de "incrementar sua presença no Brasil, enviando uma Missão Especial às comemorações do I Centenário da Independência, chefiada por José Vasconcelos, Ministro da Educação Pública." (2003, p.188).

²⁵ Acerca dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetura cabe destacar que embora ainda muito pouco estudados, figuram como elementos de suma importância para o estudo de possíveis conexões entre as arquiteturas dos diversos países da América, principalmente na década de 1920, quando ocorreram as quatro primeiras edições do evento: em 1920 no Uruguai, em 1923 no Chile, em 1927 na Argentina e em 1930 no Brasil. Note-se que o V Congresso ocorre apenas em 1940, novamente no Uruguai. (BAROFFIO, 1940).



Figura 6 e 7 - Fachada principal do Centro Escolar Benito Juárez, projeto do arquiteto Carlos Obregón Santacilia, e aspecto da escola Belisário Rodrigues, ambas construídas durante a gestão de Vasconcelos. Fonte: DE ANDA ALANÍS, Enrique X. *La arquitectura de la revolución mexicana*. Cidade do México: Instituto de Investigaciones Estéticas / UNAM, 1990, s.p.



Figura 8 e 9 - Duas fachadas do centro de ensino de professores construído por Vasconcelos. Fonte: DE ANDA ALANÍS, Enrique X. *La arquitectura de la revolución mexicana*. Cidade do México: Instituto de Investigaciones Estéticas / UNAM, 1990, s.p.

Pode-se assim afirmar que a arquitetura neocolonial atinge ampla difusão nos meios especializados ou não ao longo de toda a primeira metade do século XX, quer seja apropriando-se de forma fantasiosa das referências coloniais²⁶, quer seja associada a discursos formais e institucionalizados de nacionalidade. Trata-se de projetos de residências, monumentos, escolas e até postos de gasolina, que fazem uso de um vocabulário mais ou menos rebuscado, simplificado ou estilizado e que convivem muitas vezes com teorias modernas como a racionalização da construção e uso de novos materiais, simplicidade e despojamento de formas que possibilitariam

²⁶ Note-se que embora esses sejam argumentos constantemente repetidos na historiografia da arquitetura neocolonial eles não fazem muito sentido para a perspectiva de análise que se pretende aqui constituir uma vez que empregada de forma mais ou menos comprometida essa arquitetura, se adotada como escolha, carrega sentidos simbólicos de identidade e que, conforme apontado anteriormente, tradições são sempre invenções.

uma economia na construção e uma adaptação ao clima, entre outros. A esse respeito Arango é categórica ao afirmar que:

En el período que se gestó la arquitectura moderna en América Latina, es decir en los años 20, una de las corrientes estilísticas más utilizada fue el revival de estilos de pasado propio, por diferencia a los revival académicos de los pasados ajenos. En los años 30 y 40, junto a los estilos 'cubista' y 'moderno', se siguieron haciendo y se llamaban colonial, mestizo, barroco, nacional o maya [...]. La similitud, extensión y permanencia de estas expresiones arquitectónicas [...], dentro de un contexto inequívoco de modernización, amerita, sin embargo, alguna detención a los cambiantes contextos históricos de estas tres décadas cruciales.²⁷



Figura 10 - Foto da construção, já em fase de finalização, da Escola D. Pedro II em Belo Horizonte, publicada em volume que relata as atividades do governo de Mello Viana durante o ano de 1925. Note-se a rebuscada ornamentação da fachada adotada pelo projeto de autoria de Carlos Santos. Fonte: SILVEIRA, 1926, p.146.

Figura 11 - Vista do pátio interno da Escola Normal do Rio de Janeiro, projeto de José Cortez e Ângelo Bruhns, construída durante a gestão de Fernando de Azevedo na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930). Fonte: VIDAL, 200

²⁷ ARANGO, Silvia. Colonialismos y españolismos, todos son modernismos. *Designio*: revista de história da arquitetura e do urbanismo, n.2, p. 91-96, set. 2004, p.91-92. Sobre a utilização de elementos da linguagem pré-hispânica na arquitetura denominada de 'art-deco' ver CAMPOS, Vitor Jose Baptista. *O art-deco e a construção do imaginário moderno: um estudo de linguagem arquitetônica*. São Paulo: Tese de Doutorado defendida junto à FAU-USP, 2003.



Figuras 12 e 13 - Dois aspectos das fachadas da Escola Estados Unidos, projeto de Nereu Sampaio e Gabriel Fernandes, construída durante a gestão de Fernando de Azevedo na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930). Fonte: VIDAL, 2000.

Cabe, no entanto, assinalar que a partir da década de 1920 as linguagens até aqui apontadas como reverberações de discursos nacionalistas passam a disputar ombro a ombro seu lugar de legitimidade enquanto arquitetura símbolo de modernidade e de nacionalidade, com a arquitetura de linguagem modernista²⁸. Conforme destaca Cavalcanti acerca do cenário brasileiro, em ambos os casos “giravam as discussões em torno de três elementos: passado, vínculo com o Brasil e futuro. As duas correntes reivindicavam para si o primado nesses três elementos” (2006, p.48).



Figura 14 e 15 - Faculdade de Medicina e Biblioteca Central do Campus da Universidade Nacional do México, inaugurada em 1954. Fonte: Comissão..., 1994, p.58,61.

²⁸ Canclini aponta nesse sentido acerca dos movimentos de busca da modernidade artística ocorridos em toda a América Latina na primeira metade do século XX que: “Não foi tanto a influência direta, transplantada, das vanguardas européias o que suscitou a veia modernizadora nas artes plásticas do continente, mas as perguntas dos próprios latino-americanos sobre como tornar compatível sua experiência internacional com as tarefas que lhes apresentavam sociedades em desenvolvimento. [...] Queriam instaurar uma nova arte, repensar o nacional situando-o no desenvolvimento estético moderno.” (CANCLINI, 2003, p.78-79).

É ainda em sentido análogo que Gorelik aponta o que entende como uma particularidade das vanguardas latino-americanas, especialmente manifesta no Brasil e no México a partir dos governos populistas, o de Getúlio Vargas e o de Lauro Cárdenas, e nos anos seguintes²⁹:

Nostalgia para ordenar o caos do presente e plano para neutralizar o medo do futuro: na encruzilhada desses dois impulsos nasce a cultura arquitetônica de vanguarda na década de 1930 na América Latina. [...] também introduzirá, por definição, o ator fundamental da renovação vanguardista na América Latina: o Estado, promotor privilegiado daqueles impulsos contraditórios. [...] De fato, como falar de vanguarda se a principal tarefa que ela se auto-atribui na América Latina foi a de construção de uma tradição? (GORELIK, 2005, p.15-16)

Entretanto, são essas mesmas conexões com a esfera estatal, bem como as disputas ocorridas no campo da arquitetura para a afirmação de estilos oficiais e legitimamente representantes da nação, que muitas vezes expõem as diversas particularidades e distâncias verificáveis entre as linguagens arquitetônicas defendidas no Brasil e México entre as décadas de 1930 e 1950, tendo em vista as particularidades dos processos políticos das duas nações e as oscilações entre expressões de nacionalidade ou modernidade que procuram imprimir.

Assim se por um lado é possível destacar a variação de linguagens arquitetônicas às quais se atribui o caráter de representação da nação em tanto no México como no Brasil desde finais do século XIX até meados do século vinte, por outro é inegável a permanência de tal temática nos discursos elaborados acerca da arquitetura tanto pelos profissionais atuantes na área quanto por intelectuais, políticos ou demais personagens sociais ao longo do período: desde o esforço de modernização e construção institucional da nação de finais do século XIX e princípios do XX associado ao ingresso dos respectivos países no 'concerto internacional dos países civilizados', bem como à afirmação do papel da arquitetura em si e de seus profissionais na construção de uma nação dita civilizada e moderna; até a afirmação

²⁹ Capelato apresenta a seguinte conceituação para populismo: "Trilhando outro caminho, que permite pensar essa experiência em termos de totalidade não-dissociada, é possível conceber o mundo capitalista reproduzindo-se contraditoriamente no tempo e no espaço. Considerando o 'moderno' e o 'tradicional' como partes constitutivas de um mesmo todo onde se integram de forma contraditória, pode-se encarar o populismo como um momento específico da conjuntura histórica mundial (o período entre-guerras), em que novas formas de controle social foram engendradas com vistas à preservação da ordem ameaçada por conflitos sociais. Num movimento simultâneo e internacional as sociedades européias e americanas buscaram soluções específicas, adequadas à suas realidades históricas." (CAPELATO, 2001, p.187).

internacional das vanguardas modernistas da arquitetura brasileira e mexicana a partir de seus caracteres distintivos de particularidade e nacionalidade³⁰.

Assim, mais do que construir efetivamente uma história comparada ou entender em sua necessária complexidade as diversas relações estabelecidas entre arquitetura e identidade nacional no Brasil e no México entre finais do século XIX e meados do século XX, a presente comunicação pretendeu lançar novos dados e questões que acreditamos relevantes para esse estudo. E, sobretudo, advogar a favor da história comparada como forma de rever o papel remitante que o conceito de influência possui nos estudos historiográficos da arquitetura latino-americana, bem como apontar as possibilidades de tal recorte para uma compreensão crítica dos diversos aspectos que assumem a defesa de arquiteturas modernas e nacionais no período em questão, destacando as permanências e oscilações de linguagens e discursos não como uma perspectiva progressiva e linear de construção de uma modernidade nacional, mas como tal temática se coloca como espaço em torno do qual se dão disputas pela legitimação de símbolos no campo da arquitetura.

Referências bibliográficas

AL ASSAL, Mariana Boghosian. A arquitetura escolar e o estilo neocolonial na década de 1920 no Brasil e no México: aspectos para a construção de uma história comparada. In: *Seminário Latino Americano Arquitetura e Documentação - Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

ALVA MARTÍNEZ, Ernesto. La búsqueda de una identidad. In: GONZÁLEZ GORTÁZAR, Fernando (coord.) *Arquitectura mexicana del siglo XX*. México: Conaculta, 2004, p.43-74.

AMARAL, Aracy (coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial / Fondo de Cultura Económica, 1994.

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

Angel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: AGUIAR, Flávio Wolff de; VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Angel Rama, literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001, p.209-237.

ARANGO, Silvia. Historiografia Latinoamericana reciente. *XI Seminario de Arquitectura Latinoamericana - Anais*. Morelos: SAL, 2005.

³⁰ Cabe nesse sentido destacar o papel desempenhado pela 'descoberta' da arquitetura nacional pela crítica internacional para a afirmação, em ambos os casos, de uma linguagem modernista hegemônica ao menos do ponto de vista das construções historiográficas. As primeiras obras a tratar da arquitetura modernista tanto brasileira - GOODWIN, 1943 - quanto mexicana - BORN, Esther. *The new architecture in Mexico*. Nova Iorque: Record; William Morow & Co., 1937 - são publicadas nos Estados Unidos fruto, no primeiro caso, de um catálogo de exposição realizada no MOMA, e, no segundo caso, de uma matéria publicada na revista americana *Architectural Record*.

ATIQUÉ, Fernando. *Arquitetando a boa vizinhança: A sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo Norte-Americano, 1876-1945*. 2007. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ATSMA, Hartmut; BURGUIERE, Andre (org.). *Marc Bloch aujourd'hui: histoire comparée et sciences sociales*. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Etudes in Sciences Sociales, 1990.

AZEVEDO, Fernando de. *Novos caminhos e novos fins, a nova política de educação no Brasil*. 2ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BAROFFIO, Eugenio. Resultado de los cuatro primeros Congresos Panamericanos de Arquitectura. In: *V Congreso Panamericano de Arquitectos* - publicación oficial de actas y trabajos. Montevideo: Talleres Gráficos Urta y Cuberlo, 1940, p.646-683.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*, v.5, de 1870 a 1930. São Paulo: Edusp, 2008.

BHABHA, Homi K. *Nation and narration*. London: Routledge, 2006.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In: *Mélanges historiques*. vol.1, Paris: SEVPEN, 1963.

BONFIL BATTALLA, Guillermo. *México profundo*. Cidade do México: SEP, 1987.

BORN, Esther. *The new architecture in Mexico*. Nova Iorque: Record; William Morow & Co., 1937.

CANCLINI, Nesto Garcia. "Contradições Latino Americanas; modernismo sem modernização?" In: _____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003, p.67-97.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p.183-213.

CAVALCANTI, Lauro Pereira. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

CHOAY, Françoise. A consagração do monumento histórico. In: _____. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade / Editora Unesp, 2001, p.125-173.

Comisión organizadora de la conmemoración del XL aniversario de la Ciudad Universitaria. *La Arquitectura de la Ciudad Universitaria*. México: UNAM, 1994.

CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH / Humanitas, vol.23, n.45, p.187-208, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em jun. 2007.

CURTIS, William. Mitos nacionais e transformações clássicas. In: _____. *Arquitetura Moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008, p.131-147.

D'ALAMBERT, Clara Correia. *Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras*. 2003. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DE ANDA ALANÍS, Enrique X. Identidad nacionalista del estilo neocolonial y su persistencia em la cultura mexicana contemporánea. In: ORTIZ MONASTERIO, Pablo (coord.). *El neobarroco em la Ciudad de Mexico*. Cidade do México: Museo de San Carlos / Consejo Nacional para la Cultura y las Artes / INBA, s.d., p.14-27.

_____. *La arquitectura de la revolución mexicana*. Cidade do México: Instituto de Investigaciones Estéticas / UNAM, 1990.

- FABRIS, Annateresa. *Portinari*, pintor social. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1990.
- GONZÁLEZ, Jorge Henrique. Introdução. In: ___ (org.). *Nación y nacionalismo en América Latina*. Bogotá: CES/CLACSO, 2007, p.7-27.
- GOODWIN, Philip e SMITH, G. E. Kidder. *Brazil Builds: architecture new and old*. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna (MOMA), 1943.
- GORELIK, Adrián. *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- GUERRA, François Xavier. Introdução. In: ANNINO, Antonio; CASTRO LEIVA, Luis; GUERRA, François Xavier. *De los impérios a las naciones: Iberoamerica*. Zaragoza: Forum Intrenacional des Sciences Humaines / Ibercaja, 1994, p.9-16
- HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- KESSEL, Carlos. *Arquitetura neocolonial no Brasil, entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Java, 2008.
- LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: ___ . *História e Memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003, p.525-541.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989.
- MASCARO, Luciana Pelaes. *Difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, 1920-1950*. 2008. Tese (Doutorado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.
- MELLO, Joana. *Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo: Porto 1869 - São Paulo 1940*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.
- _____. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Modernizada ou Moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45*. 1997. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- _____. *Neocolonial, Modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. 2005. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. *Revista História*, São Paulo, FFLCH-USP / Humanitas, n.153, p.11-33, 2º semestre 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/dhrh/arquivos/RH-153.pdf>>. Acessado em jun. 2007.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHWARCZ, Lília M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Roberto. Nacional por subtração. In: ____ . *Que Horas são?* São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

SUST, Xavier (org.). *La arquitectura como simbolo de poder*. Barcelona: Tusquets, 1975.

TENORIO TRILLO, Mauricio. *Mexico at the world's fairs: crafting a modern nation*. Berkeley: University of California Press, 1996.

_____. Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o Centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, vol.7, n.14, p.123-148, 1994. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>. Acessado em jun. 2007.

TOLEDO, Benedito Lima de. *Victor Dubugras e as atitudes de inovação em seu tempo*. 1985. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

VARGAS SALGUEIRO, Ramón (coord.). *Historia de la arquitectura y el urbanismo mexicanos*. Vol. II El México Independente, Tomo II Afirmación del nacionalismo y la modernidad. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

VERDERY, Katherine. Para onde vão a 'nação' e o 'nacionalismo'? In: BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves (coord.). *Reforma da Instrução pública do Distrito Federal (RJ), 1927-1930*. São Paulo: IEB-USP, 2000. cd-rom.

_____. Nacionalismo e tradição na prática discursiva de Fernando de Azevedo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.37, p.35-51, 1994. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/revista/revista037/rev037dianaazevedo.pdf>>. Acessado em jun. 2007.

WOLFF, Silvia. *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*. São Paulo, Edusp / Fapesp / Imprensa Oficial do Estado, 2001.